

DOCUMENTOS

ESTUDOS

ALFREDO GUEVARA

Informe ao Primeiro Congresso Nacional de Cultura Cubana

ESTAMOS CONVENCIDOS de que a arte é sempre revolucionária e de que não há arte de espécie alguma à margem da Revolução. Como podem um artista ou uma obra de arte fazer parte do fenômeno criativo sem ser inovadores, sem enriquecer a vida e a consciência com colaborações que vão, desde o ponto de vista excepcional por seu rigor e fineza, até a elaboração de tendências artísticas, estéticas, de pontos de vista e obras inteiramente originais? Quando penetra na realidade e se aprofunda nela, quando nos ajuda a compreender a ela e apreciá-la, quando nos permite descobrir novos aspectos e matizes, quando nos leva a recriá-la, quando a enriquece com novos conceitos e formas originais, quando torna mais aguda e mais sensível a nossa consciência, só podem ser revolucionários. Arte cinematográfica é para nós, como todas as artes, revolucionária por natureza e por isso não só nos sentimos militantes quando empunhamos o fuzil e vestimos o uniforme de milicianos, mas também quando conseguimos que a utilização dos recursos técnicos e financeiros que o povo nos entrega sirvam de base material para o surgimento de uma obra de arte ou de um artista.

É por isso que nos atrevemos a dizer que a arte educa embora jamais possamos aceitar que a arte tenha *por finalidade* a educação. Enquanto mais bem acabada for uma obra de arte, mais ela influirá na consciência, mais profunda e completa será sua presença, mais belos e permanentes seus resultados; no entanto, cremos sinceramente que se do criador de uma obra artística se exige uma mensagem "revolucionária" no estilo das que um discurso político ou um ensaio filosófico ou social podem conter, apenas se alcançará um objetivo: o de assassinar espiritualmente o criador, asfixiar a arte numa câmara de oxigênio. Alguns criadores, confundidos pela propaganda de teorias e de fraseologia pseudo-culturais que se inspiram em tendências populistas e muito comumente na ignorância, naufragam intelectualmente empenhados em substituir os pedagogos ou decididos a se situarem ao nível do público rebaixando em sua própria substância a obra de arte. É necessário denunciar que essas tendências ocorrem em nosso país e que as discussões e resoluções, já realizadas ou promulgadas nos mais autorizados organismos de direção, jamais serão suficientes se não vierem acompanhadas de uma

constante discussão e de um trabalho ideológico digno das tarefas com que nos defrontamos. É nesta fonte de apodrecidas águas que se aninham os germes da rotina e da esterilidade, e enquanto se pretenda com falso critério proletário ignorar a cultura substituindo-a pela propaganda e pela demagogia mais rasteiras veremos obras e exposições primitivistas invadindo locais inadequados e levando à subestimação e ao ridículo aqueles que mais respeito merecem, aos trabalhadores que agora alcançam as possibilidades de se expressarem artisticamente e não o podem fazer num só dia. A concepção mecanicista da ascensão das massas de trabalhadores à vida cultural pode, assim, criar não a elevação nos níveis intelectuais, mais sim seu rebaixamento e decomposição. É daí que parte a onda de mal gosto que invade o país e que não constitui de maneira alguma fato inerente ao desenvolvimento socialista e muito menos produto do impetuoso avanço do trabalho dos organismos responsáveis pela cultura, ou das organizações de massas. Quem quer que vá aos concertos ou apresentações de balé clássico ou dos conjuntos de danças modernas, quem quer que se acerque do movimento teatral ou busque adquirir um quadro, quem goste do cinema e procure comprar entradas saberá muito seguramente quão grande e delicada é a inquietude espiritual que a Revolução engendrou em tôdas as camadas de nosso povo, e um sério sintoma da profundidade de tais tendências é o aumento constante da presença de leitores nas bibliotecas. A onda de mal gosto é provocada por outros fatores. Na nossa opinião, por uma política clara e evidentemente po-

pulista, dominante em determinados níveis do movimento sindical, por tendências errôneas, facilitárias, rotineiras dos setores responsáveis pela propaganda em muitas organizações, e, sobretudo, pela inércia pública dos organismos de cultura, incluindo o Conselho Nacional de Cultura, a União dos Escritores e Artistas e o próprio Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficas, que até hoje não souberam dizer *Não!*, pública e abertamente, a tanto ridículo cartaz, aos murais absurdos que invadem os centros de trabalho e da vida social e cultural, ao empapelamento inútil de cada parede, coluna ou vidraça, muitas vezes chegando a ocultar e a deteriorar verdadeiros monumentos nacionais simplesmente para cumprir metas numéricas de exclusiva eficácia política... Mas, companheiros, os murais que deverão cobrir os edifícios públicos ou se fixarem como exemplo e elemento de beleza, como *tácita*, repito, *tácita* contribuição à educação estética das massas não podem ser assim improvisados, não os podem pintar os mais entusiastas... o mais entusiasta, se o é profundamente, não deve ser inútilmente pretencioso, deve buscar o mais apto para estudar, aprender e apoiar-se nêle. Quando o contrário sucede, terminamos aceitando normalmente que a devoção à lembrança de José Martí, exemplo de intelectual revolucionário e o símbolo mais alto de nossa cultura, se converta numa campanha de bustos, numa rotina de bustos, no insulto de situar bustos até nos locais mais inadequados.

Somos, antes de tudo, homens do século XX, cidadãos de um mundo em Revolução e de um país que nasce para o socialismo. O socialismo constitui,

antes de mais nada, um impetuoso avanço. Devemos revisar criticamente o passado, mas jamais permitir que esta revisão nos desvie e cegue, porque a primeira tarefa, como revolucionários e como artistas, é construir o futuro. Não desejaria encontrar-me um dia frente a um espelho e descobrir à minha retaguarda a paisagem de outros séculos, de outras épocas, e verificar que permanecemos mumificados. Quando escuto informes que relacionam a incorporação de centenas ou milhares de operários e de camponeses nas atividades artísticas através do movimento de aficionados, não posso deixar de aplaudir; mas quando notamos que não se faz referência alguma à significação real, artística, destas atividades, só podemos ficar preocupados. Está claro que êste é um primeiro passo, que os instrutores serão cada vez melhores e cada vez ajudarão mais eficazmente. Mas é grave que se

anuncie o surgimento de novos escritores e poetas e que nada saibamos a respeito de como serão orientados. Mui-tíssimo grave seria se os novos quadros se formassem sob a avocação da rotina e do academicismo artístico. Nada há de mais moderno do que o comunismo, mas também os comunistas podem ser rotineiros.

Acreditamos no dever de ser modernos, de descobrir o moderno, de indagar e de experimentar, de nos situarmos em nossa época e fazer com que o trabalho dos ativistas da cultura nos organismos e nas organizações de massas tomem como ponto de partida a arte e a vida espiritual de nossa época. Digo isto no século XX, olhando para o futuro.

NOTA: informe apresentado por Alfredo Guevara, diretor da revista "Cine Cubano", n.º 3, ao I Congresso Nacional de Cultura Cubana, realizado em Cuba em fim de 1962) (Tradução e nota de Roberto Pontual).

